

## **LINDES DISCIPLINARES DA TEORIA DA RESIDUALIDADE**

Roberto Pontes <sup>1</sup>

*“Quando a Europa diz mata, o Brasil diz esfolia.”*  
Antonio Candido

**RESUMO:** Este artigo objetiva apontar as lindes, isto é, as confinações científicas da *Teoria da Residualidade*. Expõe que a Teoria tem lindeiros e não fiadores teóricos. Procura mostrar que ela trabalha em terreno próprio e se apoia em “insight” que serve antes de tudo à análise de obras brasileiras, sem necessidade de travesseiros teóricos estranhos à nossa realidade. Indica como suas principais confinantes a História (em especial a das Mentalidades), a Sociologia, a Filosofia, a Estética, a Antropologia, a Etnologia, a Química, a Geologia, a Cristalografia, entre outras ciências que lhe são limítrofes. Ressalta também a precedência do emprego dos termos *resíduo*, *cristalização* e *endoculturação*, que compõem o seu elenco conceitual, remetendo ainda ao artigo do autor intitulado “Pródromos conceituais da Teoria da Residualidade”, no qual a matéria é tratada de forma mais aprofundada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lindes; Teoria da Residualidade; Precedência.

**ABSTRACT:** This article aims to indicate the bounds, that is, the scientific constraints of *Theory of Residuality*. We intend to explain that such theory has border makers and not theoretical guards. Therefore we give evidence that this theory works on its own ground and is supported by an “insight” that serves primarily to the analysis of Brazilian works, needing no *theoretical pillows* apart from our reality. The main related bounds are History (especially Mentalities), Sociology, Philosophy, Aesthetics, Anthropology, Ethnology, Chemistry, Geology, Crystallography, among other bordering sciences. This article also emphasizes the previous use of the terms *residue*, *crystallization*, and *endoculturation*, which compound the theory concept, also referring to the author's article entitled "Conceptual Early Writings of Theory of Residuality", in which the issue is studied in a rather deeper way.

**KEYWORDS:** Bounds; Theory of Residuality; The Previous Use.

No momento em que o interesse pela *Teoria da Residualidade Literária e Cultural* toma vulto, e quando esta começa a ser reconhecida, ganhando corpo o número de estudiosos e pesquisadores interessados em trabalhar com seu amplo espectro investigativo, sinto-me na obrigação de discorrer nas linhas a seguir sobre suas lindes teóricas mais significativas.

Este trabalho se torna imperativo primeiro para aclarar e conferir segurança aos nossos pesquisadores; depois para abortar argumentos contrários à nova teoria, os quais, no mais das vezes são elementares e destituídos de caráter científico; por fim, para demonstrar a força vivificadora

---

<sup>1</sup> Poeta, crítico, ensaísta. Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC-Rio. Professor da Universidade Federal do Ceará. Pesquisador/Líder do Grupo de Estudos de Residualidade Literária e Cultural do Diretório de Pesquisas do CNPq. Membro efetivo do PEN Clube do Brasil.

desta teoria e a sua rica vicinalidade no campo das investigações catalogadas no âmbito das ciências humanas.

Para tanto, devemos ter em mente o primeiro membro silogístico do axioma central da *Teoria da Residualidade: na cultura e na literatura nada é original*. Isto posto, quero logo deixar evidente não ser a *Teoria da Residualidade* original; se afirmássemos o contrário estaríamos nos contradizendo bisonhamente.

Mas a sistematização da *Teoria da Residualidade*, com aplicação na literatura e na cultura, esta, sim, é original<sup>2</sup> e vem a ser um marco de pensamento teórico independente, gerado no seio da Unidade de Literatura Portuguesa do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará, fruto de um esforço investigativo conjunto de professores-doutores, alunos de graduação, pós-graduação, monitores, e alunos-bolsistas PIBIC-UFC-CNPq-FUNCAP. As pesquisas em torno da *residualidade* estão registradas na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará – UFC; no Programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Literatura da UFC; no Diretório de Pesquisas do Conselho Nacional de Pesquisas – CNPq; e como Grupo de Trabalho – GT da ANPOLL – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, constituindo desse modo uma expressiva alternativa metodológica.

Outras sistematizações originais são precedentes na história da investigação científica acadêmica, mas vamos dar apenas um exemplo extraído do campo da Antropologia, ocorrido com Edward Tylor, o antropólogo a quem devemos a primeira formulação correta do conceito de cultura, expressa no primeiro parágrafo de *Primitive Culture* (TYLOR, 1958). Pois bem, Roque de Barros Laraia, professor emérito da Universidade de Brasília, nas páginas de *Cultura: um conceito antropológico* (2005) afirma de Tylor:

O seu grande mérito na tentativa de analisar e classificar cultura foi o de ter superado os demais trabalhadores de gabinete, através de uma crítica arguta e exaustiva dos relatos dos viajantes e cronistas coloniais. Em vez da aceitação tácita dessas informações, Tylor sempre questionou a veracidade das mesmas. (LARAIA, 2005, p. 35)

Façamos agora um raciocínio analógico: o grande mérito de compreender, classificar e analisar a cultura e a literatura como *resíduo* vem a ser o de delimitar um espaço próprio de

---

<sup>2</sup> Um aluno meu lembrou-me o aforismo 261 em *A Gaia Ciência*, de Friedrich Nietzsche, que julgo oportuno transcrever aqui: “A *originalidade* – O que é a originalidade? É ver algo que ainda não tem nome, não pode ser mencionado, embora se ache diante de todos. Do modo como são geralmente os homens, apenas o nome lhes torna visível uma coisa. – Os originais foram, quase sempre, os que deram nomes.” In *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Transcrevi as palavras do filósofo-poeta, porque sistematizei e nomeei aquilo a que outros intelectuais de grande cultura e valor aludiam, sem entretanto conceituar nem sistematizar.

investigação, procedimento metodológico contraposto visceralmente ao dos demais investigadores acadêmicos brasileiros, quase sempre rendidos a teorias e práticas colhidas na França, Alemanha, Inglaterra, Rússia, Estados Unidos da América do Norte e noutras paragens. Com esta nova postura teórico-crítica abre-se um fosso abissal entre o conhecimento apoiado em base *exógena* para compreender e analisar o que somos, como somos e o que podemos ser, e o assente em base *endógena*, cuja capacidade interpretativa é muito mais vantajosa e apropriada ao exame do mesmo objeto.

Se por um lado Tylor realizou uma aguda crítica aos relatos dos viajantes e cronistas coloniais para chegar à sistematização e à classificação de sua lavra, por outro, a *Teoria da Residualidade* deixa na mais indigente nudez mental os intelectuais de espírito científico colonizado, os quais só sabem raciocinar com a cabeça no regaço de certos teóricos como Roland Barthes, Julia Kristeva, Jean-François Lyotard, Michel Foucault, J. Derrida, Wolfgang Iser, Hans Robert Jauss, Steven Connor, David Harvey, B. Eikhenbaum, V. Chklovski, J. Tynianov, Susanne K. Langer. Carlos Drummond de Andrade, que parece ser unanimidade nacional, incomodado com a prevalência entre nós de tantos teóricos e teorias alienígenas, deu-nos um poema intitulado “Exorcismo”, cuja estrofe derradeira é a seguinte:

Das aparições de Chomsky, de Mehler, de Perchonk  
De Saussure, Cassirer, Trobetzkoy, Althusser  
De Zolkiewsky, Jakobson, Barthes, Derrida, Todorov  
De Greimas, Fodor, Chao, Lacan *et cetera*  
*Libera nos Domine.*

(ANDRADE, 1968, p. 862-863)

E este é apenas um punhado de nomes daqueles que ajudam a ornar o raciocínio “crítico” em voga nos meios acadêmicos. A companhia de Drummond é honrosa.

Ao mesmo tempo em que a *teoria da residualidade* expõe a fragilidade do pensar sustentado em fontes *exógenas*, desqualifica também os modelos teóricos inadequados para a análise de produções culturais e literárias de extrema singularidade como as concebidas no seio da sociedade mestiça brasileira. Assim, se Tylor pôs em dúvida a veracidade dos relatos dos viajantes e cronistas coloniais, a *sistematização teórica do residual* tem o poder de demonstrar a inadequação dos modelos *exógenos*, das categorias de pensamento importadas, dos conceitos operacionais impostos a todos os povos de qualquer latitude com a expressa finalidade de colonizar o pensamento em todo o planeta, em especial no Terceiro Mundo, onde se localiza lamentavelmente o Brasil.

Estamos, pois, trabalhando em *terreno próprio*, mas tudo o que é específico tem suas lindes naturais. Cabe então perguntar: – Quais são estas?

Ora, ao Norte da *teoria da residualidade* se situa a História, mormente a “Nouvelle Histoire” surgida com a “École des Annales” e, mais especificamente, a História das Mentalidades. A princípio é mister esclarecer que há quem reconheça a importância da História das Mentalidades e quem se oponha frontalmente a este constructo teórico. Da nossa parte, reconhecemos a validade deste ramo recente e fascinante da História, bem como compreendemos ser o conceito de *mentalidade* bem mais extenso do que podemos imaginar. Por isso, cumpre não só aos historiadores, mas a quem se dispuser a trabalhar com os *resíduos mentais* objetivamente expressos na cultura, ir mais longe, como sugeriu Jacques Le Goff, “ao encontro de outras ciências humanas”. (LE GOFF, 1995, p. 69)

Os mais ilustres lindeiros deste lado Norte são Lucien Febvre, Georges Duby e Robert Mandrou. Deixamos de mencionar outros importantes autores em razão dos limites deste trabalho, mas recomendamos pelo menos a leitura imediata de “Reflexões sobre a História das Mentalidades e a arte”, de Georges Duby (1992, p. 65-75)

A estes somemos o nome de Arnold Hauser com sua indispensável *História social da literatura e da arte* (1972).

Ao Sul, a *teoria da residualidade* confina com a Sociologia e a Antropologia, sobretudo com o vigoroso pensamento de Raymond Williams, saudoso ex-professor das universidades de Oxford e Cambridge. Williams foi o único a dedicar, muito depois de nós<sup>3</sup>, duas páginas a respeito da *residualidade*. Suas observações se acham num capítulo de *Marxismo e literatura* (1979). Além deste livro, importante se faz a leitura de outro, do mesmo autor, intitulado *Cultura* (1992). Antes de Williams já estava também nesta mesma área de lindagem o sociólogo Guerreiro Ramos, em cuja obra fomos, com surpresa, nos deparar com o “insight” da *residualidade* por um brasileiro. Seu livro *Introdução à cultura* (RAMOS, 1939) nos revelou estar a visão de mundo de uma época muito bem posta em determinadas obras literárias, de modo que estas são expressões de *mentalidade epocal*; do mesmo modo Guerreiro Ramos nos deu a certeza de ser *a obra considerada erudita* não mais do que o refinamento, isto é, a *cristalização*<sup>4</sup> do *substrato inventivo*

---

<sup>3</sup> Fizemos uso do termo *resíduo* pela primeira vez no prefácio ao livro de estreia do poeta Pedro Lyra intitulado *Sombras*. O prefácio levou o título “O poeta do Nada” e a publicação é de 1967. Para maiores informações cf. PONTES, Roberto. “Pródromos Conceituais da Teoria da Residualidade” In: LIMA; PEREIRA; NASCIMENTO; SILVA; COSTA. (Orgs.). *Matizes de sempre-viva: residualidade, literatura e cultura*. Amapá: UNIFAP, 2020. p. 13-44.

<sup>4</sup> Como esclarecemos no artigo “Pródromos conceituais da Teoria da Residualidade”, tratamos de *cristalização*, *resíduo* e *endoculturação* no nosso ensaio *Vanguarda Brasileira: Introdução e Tese*, de 1970, Prêmio Nacional ESSO-Jornal de Letras, de 1970. cf. PONTES, Roberto. “Pródromos Conceituais da Teoria da Residualidade” In:

popular. De Guerreiro Ramos não se pode deixar de ler também *Introdução crítica à Sociologia no Brasil* (1957) e *O problema nacional brasileiro* (1960).

Na mesma ordem de considerações, não se pode desconhecer a contribuição de Levy-Bruhl trazida em *A mentalidade primitiva* (1922), escoimada de certas contaminações impróprias, naturalmente.

Embora seja obra surgida ao curso de lições de História da Arte e de Literatura Comparada, pela natureza do objeto tratado o livro *Formas simples* (1976), de André Jolles, se alinha ao lado dos nossos confinantes ligados à Sociologia e à Antropologia, pois trata da legenda, da saga, do mito, da adivinha, do ditado, do caso, do memorável, do conto, do chiste. Seguindo a formulação de Jolles, temos entre nós David Gonçalves, que trabalha o conceito de *crystalização* no livro *Atualização das formas silmples em Tropas e Boiadas* (1981). David Gonçalves, é bom que se frise, desenvolveu sua dissertação de mestrado em 1976 na Universidade Federal de Santa Catarina, da qual resultou o livro mencionado. O capítulo II dessa obra é de leitura indispensável às nossas pesquisas.

Ainda com relação às *formas simples*, é relevante a tese de Elizabeth Marinheiro, de título *A intertextualidade das formas simples: Aplicada ao romance A Pedra do Reino, de Ariano Suassuna* (1977). É de particular serventia o capítulo “II – A Segunda Criação da Linguagem”, no qual a autora faz um ótimo resumo das “Formas Simples”, tal como postuladas por André Jolles.

Lindeiros importantes desta parte são os que trabalham com o mito, como Ernesto Grassi, autor de *Arte e mito* (s/d), pequeno-grande livro de leitura insubstituível; ou K. K. Ruthven, autor de *O mito* (1997), obra que proporciona a quem a lê uma base sólida para o estudo deste assunto; e E. M. Mielietinski (ou Meletinski, dependendo do tradutor) com *A poética do mito* (1987) e *Os arquétipos literários* (2002). E por falar em arquétipos, cabe referir a C. G. Jung, com suas teorias do inconsciente coletivo, dos símbolos e da arquetipia, bem explanadas por Jolande Jacobi (1986).

Ao Leste, temos a investigação da Geologia, em cruzamento com a da Estética e da Fenomenologia de Gaston Bachelard. Este fenomenólogo dedica vinte e seis (26) primorosas páginas ao “devaneio cristalino”, com o *tônus* poético que lhe é peculiar (BACHELARD, 1991, p. 229-255). Este cruzamento ocorreu porque ao elegermos o conceito de *crystalização* verificamos haver na Mineralogia um repertório teórico sólido respeitante aos *cristais*, de modo a nos oferecer o mínimo de informações necessárias à construção do conceito de *crystalização* no reino da cultura.

---

LIMA; PEREIRA; NASCIMENTO; SILVA; COSTA. (Orgs.). *Matizes de sempre-viva: residualidade, literatura e cultura*. Amapá: UNIFAP, 2020. p. 13-44.

Daí indicarmos sempre aos nossos pesquisadores a leitura do capítulo “Cristalografia”, do *Manual de mineralogia* de James D. Dana (1963).

Fazendo par com Dana, mas já no terreno da verificação estética, temos Ernst Fischer, que em seu inestimável *A necessidade da arte* (1963), alinha cinco páginas primorosas dedicadas aos *crístais*, de indispensável leitura para esclarecer questões de forma e conteúdo. E no mesmo território, devemos referenciar a *Iniciação à Estética* (2018) de Ariano Suassuna, que nos dá uma aproximação da estética precedente, pelo viés arguto de um brasileiro firmado na visão popular da cultura. Suassuna é autor da melhor introdução à Estética já produzida entre nós, e de outros trabalhos em que solidifica a concepção da *arte armorial*, hoje bem compreendida, a qual mantém pontos de convergência com a *teoria da residualidade*.

Temos a Oeste, por confinantes, eruditos do quilate de Fustel de Coulanges, autor de *A cidade antiga* (1961), uma das obras mais notáveis de interpretação do mundo greco-romano. A leitura das páginas ora indicadas, daquele que foi considerado pela melhor crítica o maior historiador francês do século XIX, é capital para a compreensão da *remanescência de mentalidade* no processo civilizatório. A seu lado temos Ernst Robert Curtius, erudito alemão, autor de um monumento ensaístico intitulado *Literatura europeia e Idade Média latina* (1957), compêndio que nos permite compreender a dinâmica da transmissão formal em arte, dos povos antigos aos contemporâneos. Dois eruditos brasileiros somam-se ao par antes citado. O primeiro é Segismundo Spina, professor emérito da USP, autor de quatro contribuições mais do que imprescindíveis (SPINA, 1991; 1997; 2002; 2003) à verificação da *residualidade* poética em nossa literatura de Língua Portuguesa. O segundo é Darcy Ribeiro, antropólogo que nos deu, talvez, a melhor compreensão da nossa nação nas páginas de *O povo brasileiro* (2004). Neste mesmo lado, trabalhando a *hibridação cultural*, temos Nestor García Canclini, com excelentes aportes que se achegam à *teoria da residualidade* nas páginas de *Culturas híbridas* (2003). E ao contributo deste pesquisador vem somar-se o de Massimo Canevacci (1996), na mesma matéria. Ambos têm perspectiva própria para tratar de fatos específicos, mas convergem em suas considerações gerais para o universo que estudamos à luz do mesmo conceito – *hibridação cultural*.

Ainda neste lado Oeste temos as breves digressões (a expressão é do autor) de Massaud Moisés acerca do *resíduo*, em *A criação literária: Prosa* (1983), excelentes subsídios que vêm somar-se ao que vimos desenvolvendo. A localização dos trechos nos quais Moisés trata do assunto se deve à pertinácia e à vocação de pesquisador do mestre Aglailson Pinto. Mais uma rápida consideração sobre a *obra literária residual* consta no livro *Temas de Teoria da Literatura* (1982), de Judith Grossmann. E para quem gosta de repousar o pensamento nas reflexões de autores estrangeiros, será suficiente recorrer a Walter Ong, que escreve em seu livro *Oralidade e cultura*



escrita (1998): “As palavras escritas são resíduos. A tradição oral não tem tais resíduos ou depósitos.” (ONG, 1998, p.20). E em querendo ser mais cruel, posso dar o xeque-mate nos adversários da *teoria da residualidade* ao remetê-los à leitura que, sugiro, seja despojada de raiva, às páginas do célebre ensaio de Sigmund Freud “O mal-estar na cultura” (1992), no início do qual há excelentes contributos para compreensão dos *resíduos mentais*. Pode ser que lendo este ensaio fiquem os nossos adversários curados do seu próprio mal-estar ante a *teoria da residualidade*. Registro aqui que a mestra Liana Beccari é a responsável pela localização da passagem antes citada de Judith Grossmann, enquanto a de Freud é devida à doutora Fernanda Diniz. Qualifico-as assim porque merecem o título de fato, antes de o terem apenas por direito, pois são capazes de encontrar, pesquisando, coisas invisíveis aos comuns mortais.

Procuramos, nestas rápidas considerações, demonstrar como a *teoria da residualidade* e seus conceitos conexos: *mentalidade, cristalização e hibridação cultural* constituem um terreno próprio de investigação, isto é, delimitam um território singular no domínio da Epistemologia cultural. Parece haveremos alcançado nosso objetivo.

Ao mesmo tempo, buscamos apontar os nossos *confinantes teóricos* para contentar a quem só consegue dormir tranquilo se estiver com a cabeça apoiada em fontes teóricas *exógenas*. Mas no nosso caso, falamos de *confinantes teóricos* e não de *fiadores teóricos*. Ser confinante é estar lado a lado, em terreno próprio; ser fiador teórico é manter alguém na dependência do empréstimo de idéias, naturalmente, a dos outros.

Os nossos *confinantes teóricos* dialogam conosco, de igual para igual, e nos proporcionam descobertas e produção de pensamento próprio; os *fiadores teóricos* apenas garantem, pela fíducia ingênua, a repetição de fórmulas que nem sempre servem para a análise das obras produzidas no Brasil, mas ajudam a promover colagens textuais em monografias, dissertações e teses de pós-graduação com aprovação garantida adremente. O doutor Deonísio da Silva num verbete de seu livro *A Vida Intima das Palavras: Origens e Curiosidades da Língua Portuguesa*, nos ensina: “FILISTEU: do hebraico *phelishtim*, os que habitavam a Phalesheth, terra de estrangeiros. Passou a denominar o burguês de espírito vulgar, incapaz de aprofundar-se em qualquer assunto. É frequente que filósofos e cientistas sociais imprequem contra os filisteus das diversas áreas de seus domínios específicos.”<sup>5</sup> (SILVA, 202, p. 202).

Ao concluir, recorreremos ao episódio que se passou com Georges Duby, ao travar contato com os *resíduos* e a *as mentalidades*. Narra ele:

---

<sup>5</sup> Esta citação diz respeito e serve de lembrete aos que são incapazes de reconhecer os fundamentos da *Teoria da Residualidade*.

Penso que minha dívida para com Lucien Febvre equivale à minha dívida com Marc Bloch. Eu lera os dois com a mesma paixão. Febvre, a quem André Allix me apresentara durante o inverno de 1944, me orientou diretamente. Eu andava atrás de liberdade, convencido de que convinha não ficar fechado com os medievalistas. Recebi uma acolhida simples, robusta, estilo camponês, que me conquistou. Além disso, ele me deu segurança, que é o que os iniciantes esperam, antes de mais nada, de um orientador. Lucien Febvre sempre me estimulou a ser mais audacioso, a não ficar paralisado por uma erudição detalhista, a voar com minhas próprias asas (Duby, 1992, p. 67)

Em suma, esperamos aconteça o mesmo com todos aqueles que se integrarem no grupo de estudos de *teoria da residualidade*, sob nossa orientação, pois o saber, ele inteiro, deve ser uma permanente festa do espírito para aqueles que sabem ser felizes.

Se isto vier a ocorrer, estaremos reconhecendo que “somos uma província da civilização ocidental. Uma nova Roma, uma matriz ativa da civilização neolatina. Melhor que as outras, porque lavada em sangue negro e em sangue índio, cujo papel, doravante, menos que absorver europeidades, será ensinar o mundo a viver mais alegre e mais feliz” (RIBEIRO, 2004, p. 265), como bem asseverou Darcy Ribeiro.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. “Exorcismo” in *Carlos Drummond de Andrade: Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1968, pp. 862/3.
- BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2003
- CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos: Uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo: Studio Nobel/Instituti Italiano de Cultura/Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1996.
- COULANGES, Fustel. *A cidade antiga*, v. 1 e 2. São Paulo: EDAMERIS, 1961.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1957.
- DANA, James D. *Manula de mineralogia*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos Editora S. A., 1963.
- DUBY, Georges. In revista *Novos Estudos*, CEBRAP, Nº 33, julho, 1992, pp. 65-75, São Paulo.
- FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Lisboa: Editora Ulisséia, 1963.
- FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas: Antologia*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- GONÇALVES, David. *Atualização das formas simples em Tropas e Boiadas*. Rio de Janeiro: Presença, 1981.



- GRASSI, Ernesto. *Arte e mito*. Lisboa: Livros do Brasil, [s.d.].
- GROSSMANN, Judith, *Temas de Teoria da Literatura*. São Paulo: Ática, 1982.
- HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972.
- JACOBI, Jolande. *Complexo, arquétipo, símbolo na Psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Cultrix, 1986.
- JOLLES, André. *Formas simples*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- LE GOFF, Jacques. “As mentalidades”. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: novos objetos (Terceira parte)*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- LEVY-BRUHL. *La mentalité primitive*. Paris: Presses Universitaires de France, 1922.
- MARINHEIRO, Elizabeth. *A intertextualidade das formas simples: Aplicada ao romance A Pedra do Reino, de Ariano Suassuna*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1977.
- MIELIETINSKI, E. M. *A poética do mito*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- MIELIETINSKI, E. M. *Os arquétipos literários*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2002.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária: Prosa*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita*. Campinas-SP: Papirus, 1998.
- PONTES, Roberto. “Pródromos Conceituais da Teoria da Residualidade” In: LIMA; PEREIRA; NASCIMENTO; SILVA; COSTA. (Orgs.). *Matizes de sempre-viva: residualidade, literatura e cultura*. Amapá: UNIFAP, 2020. p. 13-44.
- RAMOS, Guerreiro. *Introdução à cultura*. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939.
- RAMOS, Guerreiro. *Introdução crítica à Sociologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Andes, 1957.
- RAMOS, Guerreiro. *O problema nacional do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Saga, 1960.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- RUTHVEN, K. K. *O mito*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.
- SILVA, Deonísio da. *A vida íntima das palavras: Origens e curiosidades da Língua Portuguesa*. São Paulo: Arx, 2002.
- SPINA, Segismundo. *Na madrugada das formas poéticas*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2002.
- SPINA, Segismundo. *A cultura literária medieval*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 1997.
- SPINA, Segismundo. *Manual de versificação românica medieval*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2003.
- SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. São Paulo: EDUSP, 1991.
- SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à Estética*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

TYLOR, Edward. *Primitive Culture*. Londres: John Mursay & Co. [1958, Nova York, Harper Torchbooks].

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

*Recebido em: 28/05/2020*

*Aprovado em: 10/06/2020*

*Publicado em: 12/06/2020*